

**RESENHA: PESQUISA PARTICIPANTE, de Justa Ezpeleta e Elsie Rockwell, 2. ed. São Paulo, Cortez Editora, 1989. 93p.**

João Pedro da FONSECA\*

“Os textos conservam uma unidade de sentido: a necessidade de buscar, fora dos ‘modelos’ dominantes, um novo tipo de conhecimento sobre a realidade escolar. O fato de os oferecermos aqui significa para nós o aprofundamento do diálogo com aqueles que, na América Latina, partilham da urgência em definir caminhos para conhecer a escola e da necessidade de conhecê-la para transformar a realidade” (p. 8).

Neste trecho, extraído da Apresentação, está sintetizado o objetivo deste livro e o público a quem se destina.

Em quatro capítulos, intitulados “A escola: relato de um processo inacabado de construção”, “Etnografia e teoria na pesquisa educacional”, “Escola e classes dependentes: uma história do cotidiano” e “Notas sobre pesquisa participante e construção teórica”, os leitores encontram rico material de reflexão a respeito da escola como prática e como objeto de estudo.

Como abordar a escola? Como construir uma teoria referente a ela? Como superar os conceitos dominantes e percorrer caminhos mais fecundos para compreendê-la em sua relação com o movimento social, no contexto político, social, econômico e cultural?

Há necessidade de se compreender o pedagógico e o político de forma crítica, analisando-se o papel do Estado, evitando-se tanto as posturas ingênuas quanto as céticas, reconhecendo-se tanto as possibilidades quanto os limites da instituição escolar.

O efêmero modismo da antipedagogia e o reprodutivismo que levavam a uma postura negativista em relação à escola precisa ser substituído por uma concepção mais conseqüente e responsável de busca de saídas.

Este livro de noventa e três páginas é um exemplo de recusa ao nihilismo e imobilismo e de crença nas possibilidades de um esforço teórico-prático no sentido de conhecer e transformar a realidade, como atesta sua última frase: “Finalmente, creio que precisamos continuar a construir melhores ferramentas teóricas para atuar melhor sobre a realidade” (p. 93).

---

\* Professor Doutor do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Embora os autores não mencionem Fritjof Capra, têm em comum a mesma preocupação de superar as análises fragmentadas e reducionistas da realidade pela visão holística e ecológica.

A escola é uma construção social e como tal deve ser compreendida, abandonando-se as análises preconceituosas e de falsas dicotomias que muitas vezes freqüentaram as discussões a respeito da escola e sua relação com o Estado e a sociedade. A escola como um mundo de contrastes e de heterogeneidades constitui um desafio para seus estudiosos e não basta mais defini-la como aparelho ideológico de estado ou de agência de reprodução da sociedade.

Precisamos começar reconhecendo que sabemos muito pouco sobre a escola, seu cotidiano, seu dia-a-dia. Como muito bem alertam as autoras, há necessidade de se ampliar nossa capacidade de ver e prever o que ocorre na escola.

Os autores propõem a superação dos paradigmas dominantes e a adoção de novas opções metodológicas. O capítulo sobre a etnografia educacional é muito rico a esse respeito, recomendando-se que se atente para estudos sobre a interação entre professores e alunos, sobre estratégias de sobrevivência e resistência dos alunos, enfim que se façam estudos integrais, holísticos. Diz Elsie Rockwell: "A etnografia propõe-se a conservar a complexidade do fenômeno social e a riqueza de seu contexto peculiar: por isso, a comunidade, a escola ou, quando muito, o bairro e a microrregião são o universo natural da pesquisa etnográfica" (p. 45).

A mesma preocupação holística aparece no capítulo sobre "Escola e Classes dependentes: uma história do cotidiano", em que Elsie e Justa ressaltam a escola como um dos lugares privilegiados do encontro entre o Estado e as classes subalternas, sugerindo reflexões a respeito do currículo, do professor, das instalações, das construções, dos custos do ensino "gratuito", do espaço escolar etc. Embora as autoras se refiram à realidade mexicana, no geral suas reflexões se aplicam ao Brasil.

Todos os que se dedicam ao estudo do fenômeno educacional se beneficiarão da leitura deste livro. De modo especial, entretanto, acredito que há um público que não pode deixar de lê-lo. Refiro-me aos alunos dos cursos de pós-graduação, Mestrado ou Doutorado. Preocupados em realizar pesquisas significativas e de interesse social e às voltas com dificuldades metodológicas, aqui encontrarão não doutrinas nem respostas prontas, mas reflexões a respeito da pesquisa participante e seus muitos desafios.